

# JUVENTUDE E TECNOLOGIA: usos e apropriações

Gianne Neves Oliveira\*

## Introdução

Este trabalho é um experimento no que se refere ao entendimento e interpretação do que são os usos e apropriações das tecnologias pelos jovens. Posteriormente, o trabalho contribuirá para o entendimento de como os jovens egressos de projetos sociais se apropriam das técnicas de produção audiovisual, como fizeram e fazem uso desta tecnologia, como se apropriam da cultura e como as suas produções refletem a relação com esta cultura e, ainda, como as dimensões da criatividade estão presentes no processo de comunicação estabelecido por eles e entre eles.

O presente trabalho está dividido em quatro partes complementares. A primeira é esta apresentação. A segunda faz um breve levantamento de alguns dados sobre a juventude brasileira. A terceira retoma alguns conceitos e ideias-chaves sobre os temas da cultura, tecnologia e consumo. A quarta e última parte faz uma conclusão a partir das partes anteriores.

## Jovens no Brasil – alguns dados sobre pesquisas no campo da juventude e a interface com a tecnologia

No Brasil há 49,7 milhões de pessoas com idade entre 15 e 29 anos, o que representa 26,2% da população total (PNAD, 2008). Os estudos e a produção de conhecimento sobre a juventude são cada vez mais crescentes, por isso, faz-se necessário um breve panorama para apresentar como o tema da juventude vem sendo trabalhado nas pesquisas. Na década de 60, os jovens eram vistos



como um segmento de forte participação nas práticas da vida cotidiana — havia uma associação entre a noção de juventude e a condição de estudante —, eram uma referência na realização de ações culturais e foram considerados como um segmento crítico, ativo e organizado. Já na década de 70, como consequência da ditadura militar, os estudos consideraram que a juventude estava vivendo um vazio político e cultural. Em 80, as pesquisas buscavam as razões pelas quais a juventude não

tinha mais a mesma participação identificada na década de 60. Neste período, o sentido da prática juvenil, assim como a participação política, começou a ser repensada. Nos anos 90, período de procura pelo entendimento das resistências, houve uma busca por comportamentos e estilos juvenis, a valorização das micropolíticas e a juventude vista no plural. Em 2000, os trabalhos se concentraram, entre outros temas, nas novas redes sociais, na atuação cultural e de micropolíticas cotidianas (Borelli,

Rocha, Oliveira, Rangel e Lara 2010).

Hoje as singularidades da juventude brasileira estão mais presentes nos estudos realizados por diversas áreas. O tema de pesquisa sobre a interface juventude e tecnologia é um dos mais contemporâneos.

*O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira*, no período de 1999 à 2006, aponta que de 74 teses e dissertações na área de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social, 29 delas tiveram como tema de interesse as novas mídias, entendidas como computadores e a internet nos seus vários usos.

As pesquisas na área das Ciências Sociais apontam a internet como um espaço de diálogo entre semelhantes, espaço de construção de novas amizades, sociabilidade e reflexividade, além de ser um espaço de livre expressão para os que criam e produzem a cultura virtual. Os jovens, de maneira geral, apontam a grande necessidade de se sentirem pertencentes à comunidade, seja ela virtual ou não (Setton, 2009).

Os estudos inventariados por este *Estado da Arte* desmistificam a ideia ou preconceito em relação aos usuários da internet como jovens aficionados e viciados nesse tipo de atividade. Estes jovens desenvolvem outras práticas de leitura e lazer e, geralmente, pertencem às camadas privilegiadas e escolarizadas dos centros urbanos (Setton, 2009).

Considerando este rápido panorama, algumas perguntas inquietam: quais são os usos que os jovens estão fazendo da tecnologia, especificamente da internet? Estas tecnologias se tornaram a única maneira de expressão dos jovens? Quem são os jovens que utilizam ou não esta tecnologia? As tecnologias potencializam ou substituem a ação política dos jovens? O acesso à tecnologia se dá de qual forma? Todos têm acesso? Basta somente ter o acesso? A tecnologia possibilita a apropriação, produção e o consumo cultural?

## A juventude não é um universo estanque e cristalino. Trata-se de uma construção social, histórica e cultural

Neste pequeno trabalho não pretendo trazer as respostas para todas estas perguntas, mas algumas contribuições de autores que, de forma aprofundada, vêm refletindo sobre a tecnologia e seus usos, apropriação cultural e consumo cultural. Ideias que poderão iluminar os estudos sobre a juventude, os usos ou não usos que ela vem fazendo dos aparatos tecnológicos na vida cotidiana, a relação entre a comunicação e a cultura, contribuindo para um retrato mais plural da juventude brasileira no que se refere aos meios e circuitos comunicacionais.

### Conceitos e reflexões – tecnologia, cultura e consumo

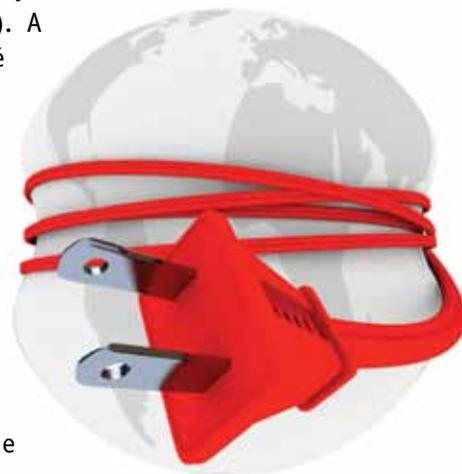
A noção de tecnologia neste trabalho se baseará no entendimento de Martín-Barbero sobre este tema. Tecnologia como expansão do corpo humano, assim esta técnica não é um instrumento, mas uma nova organização perceptiva, uma forma de apropriação dessa técnica. O autor contextualiza a imposição da tecnologia sofrida na América Latina como um processo de esquizofrenia entre a máscara de modernização, que a pressão dos interesses transnacionais realiza, e as possibilidades reais de apropriação e identificação cultural (Martín-Barbero, 2004). A transferência de tecnologia é cada dia mais a importação, não de aparelhos, mas de “modelos globais de organização do poder”.

Uma luta com e através da tecnologia se transforma em batalha pela identidade de um povo enquanto ela está se construindo. Estas tecnologias não são meramente ferramentas dóceis e

transparentes e não se deixam usar de qualquer modo: são, em última instância, a realização de uma cultura e dominação das relações culturais (Martín-Barbero, 2004).

A topologia da participação social e política está sendo modificada pelas inovações tecnológicas. Por um lado há uma descentralização radical, dotando todos os indivíduos e os grupos de uma capacidade de resposta, empurrando a interação e a possibilidade de intervir nas tomadas de decisão, renovando a sociedade civil e a participação democrática. Por outro, há uma forma mais sofisticada de centralização e de controle social, como um fascismo mais brando, onde os usos da virtualidade da tecnologia são acompanhados de “manuais de uso” que se materializarão nos hábitos e nas tendências da sociedade. As novas tecnologias têm um caráter transversal. A forma em que se inscrevem na cotidianidade afeta a sociedade civil não só em um ponto específico, mas a todos — trabalho, escola, lazer, saúde —, criando um novo tecido que supre as velhas formas de associação social (Martín-Barbero 2004).

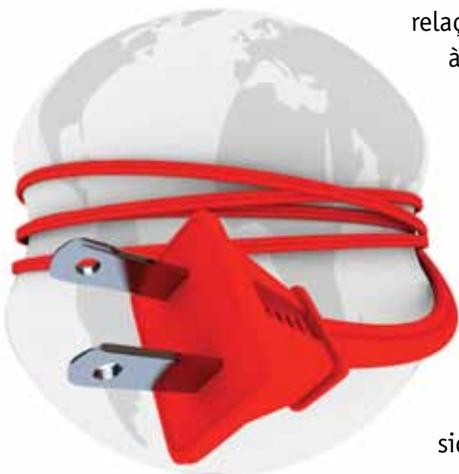
A cultura também é afetada pelas novas tecnologias. Elas estão proporcionando uma fragmentação cultural diferente do velho modelo maciço de comunicação, que tendia a homogeneizar os gostos, sejam eles considerados bons ou ruins, quando não era possível se fechar em si





próprio. Esta fragmentação proporcionará um isolamento maior, onde um não será obrigado a enfrentar a cultura do outro.

Para compreender a relação entre a tecnologia e a cultura, Edgar Morin, trabalhando com a ideia de complementaridade, traz importantes contribuições. Segundo ele, a referência cultural de cada um é feita através da junção de dois lados que se opõem e se complementam ao mesmo tempo. O capital cultural não é dado pela classe social, a cultura não está condicionada ao acesso de bens materiais. Cultura é uma projeção, concepção imaginária que é constituída pela vida real e não de classe. Assim, a cultura é concebida a partir da forma como as pessoas se apropriam de determinada dimensão



cultural. Para Jacques Berque, “o que hoje se chama *cultura* é apenas a totalização de processos, de diferentes estágios, de diferentes categorias, de diferentes níveis, que assumem, todos eles, na verdade um sentido inteiramente subjetivo e até estético e até imaginário (Morin, 1986)”. A questão da cultura nunca estará resolvida, devido a esse caráter inacabado e de incertezas. A cultura compreende as mudanças, entre os indivíduos, indivíduos e sociedade, entre sociedade e cosmos.

Na ideia determinista de cultura existe uma tensão entre a ordem e a desordem. Esta tensão são as brechas de onde podem surgir transformações, sejam elas profundas ou não, derrubando verdades dadas. Neste sentido, a identidade é o que dá sentido unificador a cultura.

Para Morin, a cultura de massa é a cultura do indivíduo privado na sociedade burguesa tecno-industrial moderna. Esta cultura provém da economia de mercado, do desenvolvimento tecnológico, da comunicação multiplicada à distancia e constitui-se com o desenvolvimento de uma indústria cultural (Morin 1986).

Morin considera que informática é a primeira etapa de um sistema de computação/informações/comunicação artificial que poderá revolucionar as relações do espírito com o cérebro, da sociedade com seus membros, do Estado com o indivíduo (Morin, 1998). Desta maneira serão estabelecidas diferentes formas de relação uns com os outros. O acesso à informação e ao conhecimento (poder) será maior e a articulação social será mais ampla, pois as possibilidades de expressão e comunicação dos indivíduos serão ampliadas.

Considerando as perspectivas de Morin para a cultura e o impacto da tecnologia, percebe-se uma contraposição entre ele e Martín-Barbero.

Para o último, a tecnologia afeta a cultura, fragmentando-a, trazendo um isolamento dos indivíduos como consequência. Para Morin, a cultura é de concepção imaginária, constituída pela vida real. A tecnologia consequentemente impactará na cultura, porém, a consequência será uma ampliação da comunicação entre os indivíduos.

A discussão sobre tecnologia e cultura pode ser complementada pelas reflexões sobre consumo. A partir da definição de Martín-Barbero (1987), o consumo não é só reprodução de força, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se esgota na posse dos objetos, pois passa decisivamente pelos usos que lhe dão forma social e trazem demandas e dispositivos de ação que provêm de diferentes competências culturais. Canclini (1997) propõe uma definição para o consumo que complementa as ideias de Martín-Barbero, onde o consumo se apresenta como o conjunto de processos socioculturais em que se realiza a apropriação e os usos dos produtos.

A tecnologia pode ser considerada somente enquanto produto, mas a partir das ideias apresentadas pelos autores, tecnologia ganha diferentes sentidos. Um deles é a possibilidade

**A cultura de massa é a cultura do indivíduo privado na sociedade burguesa tecno-industrial moderna**

desta tecnologia mediar a produção cultural e fazer com que as pessoas se apropriem da cultura através dela. Pode ter também o sentido de possibilitar diferentes formas de comunicação e intervenção na sociedade. Esta forma contemporânea de relação entre produtos e usos, conteúdos e práticas são brechas abertas na modernidade pelas culturas dominadas em sua diferença e em sua resistência. Neste sentido, este trabalho propõe que a tecnologia seja pensada a partir dos seus usos e apropriações.

## Considerações finais

Nestas considerações finais serão retomados os temas da juventude, tecnologia, cultura e consumo, na tentativa de compreender de qual maneira os jovens têm se apropriado e feito uso da tecnologia. Foi publicado na *Folha de S. Paulo* que a internet é a arma política para 71% dos jovens (13/06/2011). Dados como estes são cada vez mais recorrentes em pesquisas realizadas com a juventude. A maneira como os jovens utilizam a tecnologia, onde e quando utilizam, revela como a identidade da juventude está sendo modificada. Em Martín-Barbero (1987), o modo como os jovens se relacionam com as tecnologias, principalmente a internet, não é como uma máquina, mas sim como uma mediação. Nesta relação considera-se o papel do jovem enquanto receptor e produtor de culturas.

Nos estudos sobre a interface juventude e tecnologia, a internet, especificamente, não se limita a sua característica enquanto tecnologia da informação, mas enquanto uma tecnologia social (Cardoso, 1998) que pode potencializar a participação da juventude na sociedade brasileira. O uso da internet como uma nova forma de participação política e de atividades coletivas tem sido tema de pesquisas acadêmicas, assim como pauta para a mídia e mote para projetos de organizações não governamentais com o objetivo de mostrar o potencial dessas novas mídias — computador, internet e seus diferentes usos — para criações e expressões dos jovens.

Portanto, é preciso considerar que a juventude brasileira tem acessos à tecnologia de modos muito diferenciados. Não se pode convencionar que a tecnologia rege a vida dos jovens brasileiros, mas é necessário saber de qual jovem está se falando. O acesso às tecnologias por si só não garante a inclusão, é necessário

compreender como a estão utilizando, o que permite, de fato, o rompimento das fronteiras. Não basta ser conectado, é preciso se conectar com o repertório cultural que está sendo solicitado, senão a exclusão continua e não só por questões econômicas.

### É preciso considerar que a juventude brasileira tem acessos à tecnologia de modos muito diferenciados

De acordo com Morin há uma mudança na ordem de expressão, não se escreve e não se lê da mesma forma que antes, assim como o ver e o ouvir são diferentes. Para o autor houve uma ruptura espacial e temporal, o que transforma a sensibilidade, a maneira de perceber o mundo e, conseqüentemente, participar do mundo. Mais uma vez, considerando a pluralidade da juventude brasileira, existe um apontamento para a mudança nas formas de mobilização tradicional, porém, não se descreve o retrato mais amplo da juventude brasileira. O jovem é universal. Existem características que os unificam e outras que trazem a perspectiva da inclusão e da exclusão, que os diferenciam e devem ser levadas em consideração.

Se por um lado as pesquisas apontam para a participação política juvenil por meio da internet, por outro, estudos apontam a manutenção das maneiras tradicionais de socialização. *O Livro das Juventudes Sul-americanas* (2010), apresenta que jovens utilizam as tecnologias, mas também participam politicamente por meio de espaços como fóruns, redes, conselhos e comissões, assim como em outros espaços onde se relacionam presencialmente, como escola, igreja, bairro e família. Desta forma, há uma junção nas duas formas de par-

ticipar. O uso da tecnologia pode fortalecer as outras relações e não substituí-las. Se por um lado os jovens se apropriam dos espaços virtuais para participarem politicamente e se sociabilizarem, paralelamente fazem uso de espaços físicos para os mesmos fins.

Risalia Winacur, argumenta que uma das faces da sociabilidade dos jovens por meio da internet se refere ao fato de que esta sociabilidade não representa um rompimento ou uma substituição de outros círculos de pertença, pelo contrário, geram experiências que permitem ampliar, fortalecer e ou complementar os círculos e redes tradicionais de encontro e socialização (Sunkel, 2006).

Para além do uso da tecnologia em si, percebe-se que, de certo modo, existe uma busca para compreender as novas formas de participação política da juventude brasileira na tentativa de compreender as diferenças entre as gerações jovens, sem estabelecer graus comparativos entre as diferentes décadas. Como as maneiras que os jovens têm de participar não estão determinadas pelos fatos históricos passados, esta busca, atualmente, tem sido relacionada com a utilização da tecnologia potencializando ou diferenciando as formas de participação.

A percepção dos jovens em relação a tecnologia pode ser a partir do entendimento de que ela se basta em si mesma ou no sentido da ne-



cessidade da complementaridade. De acordo com os autores lidos, a ideia de complementar pode contribuir para o surgimento de algo que não é nem a tecnologia somente e nem a participação separadamente, mas a junção das duas coisas.

O jovem pode reproduzir, mas também pode criar, o que o jovem produz pode ser considerado como brecha. Ora os jovens podem ser críticos e participar ativamente, ora podem somente consumir a tecnologia, entendendo consumismo relacionado ao prazer. Para Appadurai (2004), o prazer que tem sido inculcado nos indivíduos será encontrado na tensão entre nostalgia e fantasia, em que o presente é representado como se fos-

se já passado. Não se trata somente do uso da tecnologia, mas de como se usa.

Percebe-se que existem apontamentos para diferentes usos que a juventude tem feito da tecnologia. Para alguns ela se tornou o principal meio de participação política, para outros as técnicas possibilitam potencializar ou complementar outras formas de participação. Este trabalho não tem a intenção de esgotar as variadas apropriações e usos da tecnologia, mas indicar alguns caminhos para esta reflexão. Neste sentido, não se pode desconsiderar que a tecnologia tem possibilitado a visibilidade de diferentes juventudes urbanas, suas demandas no que se

refere à educação, trabalho, saúde, lazer, entre outros direitos. Talvez não seja somente o surgimento de diferentes formas de participação política, mas a apropriação da tecnologia enquanto possibilidade de expressar insatisfações individuais e coletivas. Para Matín-Barbero, o papel chave das novas tecnologias de comunicação está na formulação de novas demandas sociais, elas tornam possível a emergência de uma nova linguagem e de um novo discurso social, o discurso popular maciço. 

**Gianne Neves Oliveira** é mestrandia no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica SP

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. Consumo, duração e história. In: Dimensões culturais da globalização. Lisboa: Teorema, 2004.

BORELLI, S. H. S.; LARA, M. R.; OLIVEIRA, R. A.; RANGEL, L. H. V.; ROCHA, R. M. Jovens urbanos, ações estético-culturais e novas práticas políticas: estado da arte (1960-2000). In: Jóvenes, cultura y política en América Latina: algunos trayectos de sus relaciones, experiencias y lecturas (1960-2000). Sara Victoria Alvarado y Pablo A. Vommaro (org). Buenos Aires: Homo Sapiens/CLACSO-Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. O consumo serve para pensar. Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

CARDOSO, Gustavo. Para uma sociologia do ciberespaço. Comunidades Virtuais em Português. Portugal, Celta Editora, 1998.

Folha de S.Paulo - Internet é arma política para 71% dos jovens, data 13/06/2011. Link <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1306201111.htm>

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Cultura, hegemonia e cotidianidade. Dos meios às medições. Comunicação, cultura e hegemonia. Barcelona, Gustavo Gil, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús: Tecnologias: inovações culturais e usos sociais. In: Ofício do Cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MORIN, Edgar. A cultura; In: Cultura de massa no século XX. Espírito do Tempo 2. Necrose. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1986.

MORIN, Edgar. Cultura-Conhecimento; Determinismos culturais e efervescências da cultura; A classe intelectual e as duas culturas. In: O método. 4. As idéias. Porto Alegre: Sulina. 1998.

NOVAES, Regina Reys, RIBEIRO, Eliane, Livro das Juventudes Sul-americanas. Rio de Janeiro, Ibase, 2010.

SETTON, Maria da Graça Jacintho, Juventude, Mídia e TIC's , In: Sposito, Marília Pontes, O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999 – 2006), Belo Horizonte, Argumentum, 2009.

SUNKEL, Guillermo. El consumo cultural em la invertigación em comunicaci3n-cultura em América Latina. In: El consumo cultural em América latina. Constuci3n te3rica y líneas de investigaci3n. SUNKEL, Guillermo (coord.). Col3mbia: 2006.

Revis3o de Carla Santos